

RELATO DE EXPERIÊNCIA PIBID

O PROCESSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA.

Leila da Silva Azevedo dos Reis 1

Edicléa Mascarenhas Fernandes 2

1

RESUMO

O artigo abordou o contexto educacional durante o período de pandemia e o trabalho realizado com os alunos da sala de recursos da Escola Municipal Maximiano Ribeiro da Silva – CIEP 071 da rede pública do município de Nova Iguaçu em meio ao cenário da COVID-19, discutindo o processo de educação em situação de isolamento social. Buscou-se compreender como ocorreu o processo de ensino aprendizagem de alunos com deficiências através do ensino remoto. Iniciamos em 2020 uma parceria com o PIBID através do CAPES e ancoramos nossa pesquisa nos livros, artigos e reflexões dos autores: Emilia Ferreiro, Edicléa Mascarenhas, Rosita Edler Carvalho, Vera Lucia Messias Fialho Capellini e Edgar Morin.

Palavras-chave: Pibid; COVID -19; Educação especial.

INTRODUÇÃO

Autor 1 - Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá. Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Almerica Ltda e Educação Especial e Inclusiva pela AVM Faculdades Integradas. Professora Atendimento Educacional e Especializado na Prefeitura da cidade de Nova Iguaçu leilaareis9@gmail.com

Autor 2 - Doutora em Ciências pela FIOCRUZ, Mestre em Educação pela UERJ, Psicóloga pela UFRJ e Pedagoga pela UNIGRANRIO. professoraediclea.uerj@gmail.com

O artigo tem por finalidade relatar sobre a experiência do trabalho da sala de recursos e do professor AEE no contexto de educação remota. Além da parceria com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sobre a supervisão e orientação da doutora Edicléa Macarenhas. A proposta da parceria seria levar aos alunos bolsistas a vivenciar inclusão na sala regular e no atendimento AEE do Ciep 071.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi de caráter qualitativo, com ênfase na observação e avaliação referentes aos processos de interação com as famílias e validação de atividades e métodos propostos, ao mesmo tempo em que seria necessário o cruzamento dos dados e levantamentos da pesquisa para traçar um padrão exitoso que pudesse ser trabalhado e aplicado junto aos alunos no período de distanciamento social.

Ancoramos nossas ideias na leitura do livro “reflexões sobre alfabetização” de Emilia Ferreiro onde foi deslocada a investigação do “como se ensina” para o “como se aprende”. Morin (2011) afirma que é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio. Segundo Rosita Edler Carvalho “a inclusão significa que não é o aluno que se molda ou se adapta à escola, mas a escola consciente de sua função coloca-se a disposição do aluno”.

A pesquisa apresentou um estudo de caso realizado na Escola Municipal Maximiano Ribeiro da Silva (CIEP 071) localizada na Rua Itararé, 90 - Jardim Iguaçu em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense no estado do Rio de Janeiro, na qual sou professora AEE na sala de recursos multifuncionais como a finalidade analisar as atividades pedagógicas não presenciais e as consequências para o atendimento educacional especializado na perspectiva da educação inclusiva. Em meados de outubro de 2020 iniciamos a parceria com o PIBID sob a coordenação da professora doutora Edicléa Mascarenhas e os alunos bolsistas. A proposta seria um acampamento presencial, mas devido a pandemia tivemos que nos organizarmos da melhor forma

possível no virtual. Não foi nada fácil, mas criamos maneiras de viabilizar essa vivência, que inicialmente parecia um desafio enorme. Gradativamente inserimos os bolsistas na rotina remota da escola, com acesso às reuniões pedagógicas virtuais, ao facebook do CIEP para acompanhar as atividades postadas pelos professores e o retorno dos alunos.

ESTRATÉGIAS EMPREGADAS.

Partindo dos conceitos apresentados, o primeiro passo foi criar um canal de contato que fosse de fácil acesso a e economicamente viável a todos, sendo assim, escolhemos o Whatsapp e o facebook. A princípio fizemos contato individualmente com os alunos e informamos da criação do grupo para as atividades pedagógicas e a manutenção do vínculo dos alunos com a escola. Em um segundo momento, pensamos como manteríamos esses contatos ativos e como fomentariamos o interesse pela participação dos alunos e familiares nessas atividades. Criamos parcerias de trabalho com outros professores, encontros virtuais com as famílias, sorteios e gincanas, premiamos simbolicamente as participações dos alunos e familiares. Fizemos festas temáticas online, aniversários e até show de talentos com os alunos.

Articulamos uma agenda de trabalho onde em dois dias na semana enviaríamos atividades pedagógicas, nos outros dias seriam divididos em sugestões de jogos educativos, vídeos e informações relevantes para os alunos e suas famílias. Promovemos também um canal de escuta e suporte para famílias que estavam passando por perdas familiares e/ou em dificuldades financeiras.

Apesar de todos os esforços muitos alunos não conseguiram ter acesso educação remota por questões de acesso à internet. Sendo assim, investimos na parceria com a professora Shirley de Braille pensamos, criamos e patrocinamos kits de atividades.

O retorno foi surpreendente, na mesma semana, alunos que antes não participavam, justamente pelas dificuldades de acesso, seja por falta de internet, por não

ter um computador ou um aparelho de celular compatível, retomaram os estudos.

Para consolidação desse paradigma, entretanto, é preciso reconhecer que cada aluno aprende de uma forma, e com um ritmo próprio (MORIN, 2011). Isso significa dar oportunidades para todos aprenderem os mesmos conteúdos, fazendo as adequações necessárias do currículo. O êxito da inclusão escolar depende, dentre outros fatores, da eficiência no atendimento à diversidade da população estudantil (CARVALHO, 2004).

AÇÕES DESENVOLVIDAS

Fizemos chamadas de vídeos, encontros, brincadeiras e festas virtuais. Usamos aplicativos como nunca e a tecnologia passou de vilã para nossa aliada. O que faríamos durante todo esse tempo se não fosse por conta da tecnologia? Computadores e celulares que antes competiam com o professor na sala de aula se transformaram em grandes recursos pedagógicos para educação diminuindo o distanciamento social e viabilizando acesso aos conteúdos. Os pais e responsáveis passaram a ser nossos grandes parceiros na educação e no processo de interação com nossos alunos. Era tudo novo! Muitos responsáveis tornaram-se repentinamente professores dos filhos em tempo integral e na maioria das vezes sem o conhecimento necessário. Então, observando as dificuldades eminentes nesses primeiros momentos investimos em atividades lúdicas e intuitivas com foco em habilidades de vida diária, coordenação motora, atenção e concentração. Iniciamos fazendo alguns vídeos ensinando as atividades, depois fomos diversificando com fotos e sugestões criativas pesquisadas na internet. Utilizamos muitos materiais reciclados que poderiam ser encontrados facilmente no ambiente da casa. Fizemos quadros de rotina para organizar os alunos no tempo e no espaço já que os dias em casa se prolongavam a cada momento. Dividimos dias e horários para envio de atividades e retorno dos pais e responsáveis. Observamos que nossos laços começavam a se estreitar e o ambiente virtual ia ficando menos desafiador para as famílias.

Em relação às atividades propostas fomos aos poucos conhecendo e identificando qual a melhor forma de atuar com nossos alunos e familiares no ambiente

virtual. Percebemos que como na sala de aula presencial, era necessário individualizar atividades para determinados alunos conforme suas especificidades. E assim fizemos, dividimos as atividades por grau de complexibilidade e explicamos para os pais e responsáveis a real necessidade desse processo para o progresso do aluno.

Como já dissemos anteriormente, iniciamos com vídeos que foram produzidos por nós professores, foi preciso um tempo para nos acostumar e realizar as atividades de forma mais natural e criativa. A pesquisa na internet nos forneceu de vários programas e aplicativos que favoreceu o nosso trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudamos, pesquisamos e criamos como nunca, superamos nossos desafios pessoais e nos colocamos a prova. Muitos professores não tinham grandes conhecimentos tecnológicos, sabiam somente o básico, mas isso não era suficiente. Agora tudo se torna virtual, as aulas, o contato com nossos alunos. A nossa casa transformou-se em uma extensão da sala de aula, o sentimento de vitória foi maior que o medo e nos revitalizou para continuarmos seguindo e aprendendo sempre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, R. E. Educação inclusiva: com os pingos nos “is”. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FERNANDES, Edicléa Mascarenhas. Educação Especial. Vol.2. O processo de ensino e aprendizagem de educandos com deficiência intelectual. CEDERJ, Rio de Janeiro, 201-?

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=428-diretrizes-publicacao&Itemid=30192 acessado em 20/12/2020.

MORIN, E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.